

MURAL DAS VOZES PLURAIS: EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE COM ADOLESCENTES

Adrieli Benta Alves de Anhaia¹

Amabilli Dalpaz Lorenço²

Larissa Taíse Weber³

Elaine Sousa⁴

Fernanda Unser⁵

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido como parte da atividade do projeto de APEX, a partir de uma ação de educação para a diversidade realizada com adolescentes do 3º ano do ensino médio na EEB São João Batista, em 27 de outubro de 2025, com a presença da profª Elaine Sousa e a orientação da profª Fernanda Unser. A proposta integrou o Projeto Vozes Plurais: Educação para a Diversidade e Direitos Humanos, realizado em conjunto com a coordenação e desenvolvido com recursos provenientes de emenda parlamentar. A ação uniu debate guiado de frases do cotidiano — que costumam naturalizar estereótipos de gênero, raça, corpo, deficiência e classe — à criação do mural das vozes plurais. Observou-se ampla participação e maior sensibilidade para reconhecer preconceitos, com ênfase na importância da diversidade, da aceitação do outro, da escuta e do respeito a todas as pessoas. Conclui-se que ações simples, como problematizar frases do cotidiano ou propor a criação de um mural coletivo, podem provocar transformações significativas.

Palavras-chave: adolescência; diversidade; escola.

1 INTRODUÇÃO

A escola é um espaço privilegiado de socialização, no qual adolescentes constroem referências sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Nesse período do desenvolvimento, marcos identitários, afetivos e sociais ganham intensidade, e discursos cotidianos, muitas vezes naturalizados como “piadas” ou “verdades”, podem reforçar estereótipos e desigualdades relacionadas a gênero, raça/etnia, corpo, deficiência, classe social e sexualidade (Schoen-Ferreira, Aznar-farias, Silvaes, 2003; Gomes, 2003; Nascimento, 2024). Trabalhar diversidade no ambiente escolar, portanto, não é apenas um tema transversal do currículo: é condição para a convivência democrática, para a saúde emocional e para a garantia de direitos.

Com esse horizonte, realizamos, em 27/10/2025, uma atividade de educação para a diversidade com 35 adolescentes do 3º ano do Ensino Médio da EEB São João Batista, com a presença da professora Elaine Sousa. A proposta articulou dois momentos complementares: (1) uma roda de conversa mediada por frases comuns que costumam sustentar preconceitos (“Homem não chora”, “Mulher no volante...”, “Quem cuida da casa é a mulher”, “ser LGBTQIAPN+ está virando moda”, entre outras), estimulando a problematização crítica; e (2) a produção coletiva de cartazes para o Mural das Vozes Plurais, no qual os grupos registraram ideias e mensagens sobre quem precisa ser mais ouvido na sociedade.

A atividade foi planejada para promover um clima de segurança e respeito, com combinados de escuta, confidencialidade pedagógica e linguagem inclusiva. O foco não esteve em avaliar indivíduos, mas em

analisar sentidos sociais das frases, reconhecer impactos no cotidiano escolar e ampliar repertórios de convivência. Evitou-se a oferta de “respostas prontas”, privilegiando perguntas que convocassem reflexão, argumentação e empatia.

Este artigo descreve o contexto e os principais achados dessa experiência, destacando percepções dos estudantes sobre diversidade, aceitação do outro, escuta e respeito. Nosso objetivo é contribuir com práticas pedagógicas breves, viáveis e replicáveis que apoiem escolas na promoção de ambientes mais inclusivos e na formação cidadã de adolescentes.

2 DESENVOLVIMENTO

A atividade iniciou-se com a apresentação da proposta, reforçando que todas as opiniões seriam bem-vindas desde que expressas com respeito. A partir disso, os estudantes foram convidados a discutir frases do cotidiano, selecionadas por sua capacidade de evidenciar a naturalização de preconceitos e desigualdades. Entre elas, destacaram-se: “Mulher no volante, perigo constante”; “Quem nasceu pobre, vai morrer pobre”; “Negro é mais agressivo/violento”; “Isso é coisa de menina”; “ser LGBTQIAPN+ está virando moda” e outras expressões que ainda circulam na sociedade.

A partir dessas frases, convidamos os adolescentes a identificarem os sentidos e impactos sociais dessas frases, onde muitos reconheceram que já as ouviam no dia-a-dia. Essa dinâmica evidenciou como ditos populares e “brincadeiras” funcionam como dispositivos de naturalização de hierarquias e desigualdades, operando como uma forma de violência simbólica que torna o preconceito aparentemente “normal” ou “inofensivo” (Bourdieu, 2001).

No debate sobre as frases relacionadas a gênero e sexualidade, os alunos foram estimulados a reconhecer como essas expressões produzem e reforçam estereótipos. Discutiu-se que, ao associar mulheres à incapacidade ou à imprudência, ou ao restringir comportamentos a “coisa de menino/menina”, o discurso ajuda a controlar corpos e trajetórias, delimitando o que seria considerado aceitável para cada gênero. Essa discussão dialoga com as análises de Louro (1997), para quem as diferentes instituições e práticas sociais, incluindo a escola, e o cotidiano são espaços privilegiados de produção de normas sobre gênero e sexualidade, nos quais se aprendem, de forma sutil, o que é reputado como “normal” e o que é lido como desvio.

No segundo momento, os estudantes formaram grupos e receberam cartolinas e materiais de escrita para criar cartazes com uma pergunta norteadora: “Quais vozes precisam ser mais ouvidas na nossa sociedade?”. A proposta era dar destaque a quem, muitas vezes, não tem sua voz escutada: pessoas negras, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, moradores de rua, indígenas, entre outras.

A proposta dialogou com a noção de lugar de fala, ao incentivar que os adolescentes pensassem justamente sobre quem, historicamente, teve suas experiências deslegitimadas e suas narrativas silenciadas, como pessoas negras, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, população em situação de rua, povos indígenas, entre outros grupos marcados pela interseção entre opressões de raça, gênero e classe (Ribeiro, 2017).

Os cartazes evidenciaram criatividade e sensibilidade, com desenhos, símbolos e cores que representavam o intuito da atividade: tornar visíveis sujeitos e histórias que costumam ser colocados “à margem”. Ao construírem coletivamente essas produções, os grupos puderam experimentar a escola

como espaço de diálogo e construção compartilhada de sentidos, aproximando-se de uma perspectiva de educação como prática da liberdade, em que estudantes são convidados a pensar criticamente sobre a realidade e a tomar a palavra (Hooks, 2013; Freire, 2019).

Durante essa construção, observou-se cooperação e engajamento entre os grupos, reforçando vínculos, a sensação de pertencimento e o reconhecimento de cada participante como sujeito de direitos e produtor de conhecimento, e não apenas como receptor passivo de conteúdos.

Ao final da prática, cada grupo compartilhou o significado do cartaz que produziu e quais vozes acreditava que deveriam ser mais ouvidas. A conclusão coletiva ressaltou a importância de escutar, respeitar e considerar as singularidades de cada pessoa na comunidade escolar. Nesse momento, deixamos claro aos estudantes que a atividade não buscava julgar ou criticar ninguém, mas convidá-los a pensar sobre como têm falado e, sobretudo, sobre como têm ouvido os colegas no cotidiano.

Propôs-se que refletissem se, na sala de aula, estão sendo inclusivos, e se dão espaço para que todos possam se expressar e se reconhecem quando alguém é silenciado ou colocado à margem. Assim, encerramos a atividade reforçando que a construção de um ambiente escolar mais respeitoso e acolhedor passa tanto pelo direito à fala quanto pelo compromisso com a escuta e com a inclusão de todas as vozes presentes no grupo.

3 CONCLUSÃO

Ao finalizar a experiência com o Mural das Vozes Plurais, observou-se que a proposta ultrapassou a ideia de uma atividade pontual e se

consolidou como um momento significativo de expressão, reflexão e participação ativa dos adolescentes.

Durante a roda de conversa, ficou evidente que as frases problematizadas não pertencem a um repertório distante. Elas circulam nas redes sociais, nos grupos de amigos, nas famílias e na própria escola, e por isso fazem parte do cotidiano dos estudantes. Ao analisarem essas expressões, os adolescentes reconheceram que comentários aparentemente inofensivos podem sustentar desigualdades, reforçar estigmas, afetar a autoestima e normalizar exclusões. A partir dessas discussões, emergiu uma compreensão importante: cada pessoa tem papel ativo na transformação dessas narrativas e na construção de ambientes mais respeitosos.

Na etapa de construção dos cartazes, percebeu-se um engajamento criativo e cooperativo. Ao responderem à pergunta sobre quais vozes precisam ser mais ouvidas, ampliaram o olhar para sujeitos e grupos frequentemente invisibilizados, como pessoas negras, mulheres, indígenas, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência e indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Essa ampliação de perspectiva demonstrou sensibilidade para reconhecer desigualdades e refletir sobre quem é silenciado na sociedade.

Ao analisar a experiência como um todo, nota-se que ela reforça a relevância de práticas pedagógicas que dialoguem com a vivência real dos adolescentes e favoreçam a construção de uma escola mais inclusiva. Trabalhar diversidade não deve ser tratado apenas como conteúdo curricular formal, mas como uma prática contínua, que exige espaço para diálogo, vivência, cooperação e reflexão coletiva.

Conclui-se que ações simples, como problematizar frases do cotidiano ou propor a criação de um mural coletivo, podem provocar transformações significativas. A atividade demonstrou que propostas acessíveis e replicáveis têm potencial para fortalecer vínculos, favorecer a convivência e estimular a consciência crítica dos adolescentes. O Mural das Vozes Plurais tornou visíveis diferentes perspectivas e possibilitou que os estudantes percebessem a potência da escuta, da responsabilidade e da convivência baseada na aceitação e no respeito às singularidades.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Belo Horizonte: Autora, 2005. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=295>. Acesso em: 2 dez. 2025.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, Elisângela Batista. Racismo recreativo nos corpos-território de adolescentes negras na escola. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 40, e45873, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/9cTJtrg7YwH7T8y7hFajXyb/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

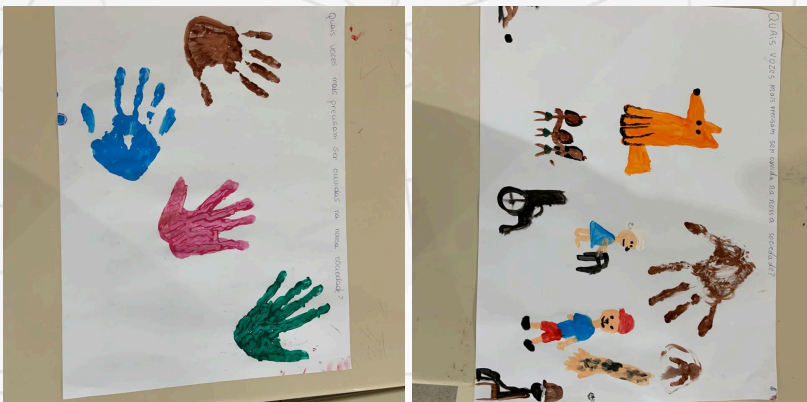
SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/VBbCkJ7hHgZCcfFxMRkPLhN/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

Imagens relacionadas
Registro de execução da atividade



Fonte: Elaine Sousa

Registro de execução da atividade



Fonte: Larissa Weber

Registro de execução da atividade



Fonte: Larissa Weber

Sobre o(s) autor(es)

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), adribenta98@outlook.com

²Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), amabillidalpaz@gmail.com

³Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), larissaweber54@hotmail.com

⁴ Professora orientadora. Docente do curso de Psicologia da Universidade de São Miguel do Oeste do estado de Santa Catarina (UNOESC), Campus de São Miguel do Oeste/SC e Pinhalzinho/SC.

⁵ Professora orientadora. Docente do curso de Psicologia da Universidade de São Miguel do Oeste do estado de Santa Catarina (UNOESC), Campus de São Miguel do Oeste/SC e Pinhalzinho/SC.